



Desmanchando no pinicado da viola: potências do samba de roda da Bahia

Eloisa Domenici*

* PhD em Comunicação e Semiótica, PUC, São Paulo. Professora e Pesquisadora do Centro de Formação em Artes – UFSB, Bahia.

Resumo |

O samba de roda é uma tradição coreográfico-poético-musical que faz parte do complexo sistema de saberes que ocorre no Estado da Bahia. Reconhecido como patrimônio cultural da humanidade (UNESCO, 2005) como uma cultura afro-brasileira, tem na região Recôncavo uma ocorrência particularmente importante. Aqui partilhamos um pouco do que aprendemos e compreendemos em quase dez anos de observação participante e de convívio com as sambadeiras e os sambadores do litoral norte da Bahia, região adjacente ao Recôncavo baiano. Comentamos sobre a maneira como o samba de roda ocorria no passado, a partir do que é narrado pelos mestres sambadores e mestras sambadeiras, revelando características importantes que a princípio não estão mais evidentes nos grupos de apresentação. Apresentamos alguns dos princípios que pudemos identificar nos movimentos corporais e discutimos a importância sociológica do samba de roda para a dinâmica das comunidades da região e, de maneira geral, das pequenas cidades e localidades do interior da Bahia nas quais essa forma de samba acontece, como forma de resistência cultural. Por fim, ressaltamos a potência das dinâmicas corporais do samba de roda como disparadoras de processos técnico-poéticos de aprendizado e criação nas artes.

Palavras-chave: Dança. Resistência cultural. Samba de roda.

Abstract |

Samba de roda is a choreographic-poetic-musical tradition that is part of the complex system of knowledge that takes place in the state of Bahia. Recognized as Cultural Heritage of Humanity (UNESCO, 2005) as an african-Brazilian culture, it has in the Reconcavo region a particularly important existence. Here we share some of what we have learn and understood in almost ten years of participant observation and interaction with sambadeiras and sambadores in the northern coast of Bahia, the region adjacent to the Bahian Reconcavo. We comment on how the samba occurred in the past, from what is narrated by sambadores and sambadeiras, revealing important features that are no longer evident in the presentation groups. We present some of the principles that we could identify the body movements and discuss the sociological importance of samba de roda to the dynamics of communities in the region and, in general, the Bahia inside the small towns and localities in which this kind of samba so happens, as form of cultural resistance. Finally, we emphasize the power of corporeal dynamics as the triggering of technical and poetic processes of learning and creation in the arts.

Keywords: Cultural resistance. Dance. Samba de roda.

Introdução - O samba de roda nas festas em casa

Começo esta comunicação dizendo que os mestres sambadores e sambadeiras do interior da Bahia que conheci são os protagonistas deste conhecimento do qual venho falar. O samba de roda é característico do Estado da Bahia, onde constitui uma tradição de grande importância cultural e estética, razão que o levou a ser recentemente reconhecido como Obra-Prima do Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 2005. Está presente em localidades de todas as regiões do Estado, mas principalmente no chamado Recôncavo Baiano, região que se situa ao redor da Bahia de Todos os Santos, adjacente à capital Salvador. Essa é uma região historicamente marcada pelo ciclo econômico da cana-de-açúcar e pela vinda de grande quantidade de escravos africanos para trabalhar nos engenhos.

Primeiramente quero destacar o quanto o samba de roda é uma tradição ligada a casa, mais especificamente ao Santo de casa. Essa tradição sofreu mudanças determinantes nas últimas décadas, em função do conjunto de processos que constituem o que é chamado de "progresso" das localidades em que ocorre.

A maioria dos estudos sobre o samba de roda focaliza sua ocorrência no Recôncavo Baiano, até mesmo devido ao fato de que aquela região é considerada historicamente o epicentro dessa tradição, o que pode fazer parecer que ela não ocorre em outras regiões do Estado, o que não é verdade. O litoral Norte da Bahia é uma região contígua ao Recôncavo Baiano e tem a expressão do samba de roda como uma das características mais marcantes de sua cultura. Essa expressão, no entanto, corre o risco de desaparecer.

Essa observação concentrou-se na região em que estive e convivi com sambadores e sambadeiras, nas várias localidades do Município de Mata de São João. Segundo os moradores, houve mudança muito determinante que se deu com a abertura e a pavimentação da rodovia

estadual – BA-099, após o que culminou a exploração turística e a especulação imobiliária. Os relatos contam que o samba ocorria de determinada maneira antes da “rodagem” e que essa maneira mudou.

Fazia-se o samba de roda nas festas dos Santos católicos, durante as quais se reuniam as pessoas eventualmente em festa de rua, mas sobretudo em casa, como nos conta Dona Maroca, 74 anos, Mestre sambadora da localidade de Porto Sauípe.

Naquele tempo tinha muito samba, era festa de Reis, era Janeiro, era Fevereiro meu avô rezava, samba até de manhã, era festejo de Santo Antonio, era Senhora Santana nove noites de reza e nove noites de samba e baile em Água Comprida [localidade vizinha]... (informação verbal).

Um fenômeno, que já está em estágio avançado no Recôncavo, é a formação de grupos organizados de apresentação do samba de roda, que ocorre também no litoral norte. Nele, o samba de roda não goza do mesmo prestígio que tem no Recôncavo, intensificado pelo processo deste à candidatura a Patrimônio Cultural da Humanidade. Por esse motivo, o Recôncavo recebe mais evidência no mundo midiático e alcançou o auge do consumo cultural, o que acelerou o processo de aparecimento de grupos organizados (DÖRING, 2013). Os grupos existentes na nossa região estão ainda em estágio inicial de organização e, mesmo que tenham mais de uma década de existência, ainda mantêm o costume de fazer o samba em festas caseiras, como nos conta a Mestre Dona Moça, que organiza o grupo "Samba de Raiz":

[...] O samba tá no meu sangue, essas música que eu canto tudo era da minha vó e da minha mãe.[...] Na luz do candeeiro, a véia minha vó abria:

- Hoje é dia das Candeias, primeiro dia do ano, primeiro dia do ano, Aqui estou em sua porta, feito um feixinho de lenha, feito um feixinho de lenha.

To esperando a resposta que da sua boca venha, que da sua boca venha.

A viola ta ali acompanhando as palmas, as pessoas respondia esse mesmo pé que eu to cantando, quando elas parava de responder eu cantava outros versos, inté completar tudo. Daí parava e começava o samba.

Abra a porta meu anjo do céu, abra a porta meu anjo do céu, ô ai meu anjo, ô ai meu anjo, me abra as portas...

Cantava três vezes, aí o dono da casa abria a porta, sambava meia hora ali, o dono da casa dava vinho. Aí pronto, vamos cantar em outras casas. Por exemplo aqui tem doze casas aí só dava pra cantar aqui dentro, amanhã a gente sai e vai cantar lá na rua. (informação verbal).

Estivemos em algumas festas de samba de roda realizadas em casa e pudemos ver algumas diferenças importantes:

- a dinâmica da festa é definida pela data comemorativa, começando com as orações para os santos, obedecendo a preceitos religiosos do Santo em questão;
- a roda de samba tem lugar após as orações, porém faz parte da comemoração ao Santo como parte do rito todo;
- a participação de pessoas que têm laços de parentesco ou de amizade (não presentes nas apresentações dos grupos) garante intensa diversidade de modos de sambar, o que confere mais riqueza estética e poética ao samba;
- o samba de roda, como acontecimento, goza de outra temporalidade, que transborda os limites das horas contadas no relógio e proporciona uma experiência de grande fruição estética e extravasamento coletivo.

Encontramos também relatos que nos falam de inventividade associada ao samba de roda. Assim nos conta a Mestra Dona Moça sobre uma miríade de brincadeiras que ocorriam com o samba nas Festas de Reis, como motivadores para o samba, como a mangaba, a traíra, o peixe, o boi:

[...] E tinha a brincadeira da mangaba. A mangaba é um pé de árvore, pega um pezinho de árvore e arruma, faz aquele enfeite, arruma no cestinho e bota na cabeça. O brinquedo do boi é um boi, um homem dançando debaixo daquele brinquedo, parecendo um boi. Eu nunca tinha ido, dessa vez eu fui, quase me urino de medo, quando o boi saiu debaixo do pé da mandioca, aí eu tava intertida, batendo na mão, o samba comendo, quando cantaram (*abra a porta meu anjo do céu*) e disse - Chama o Boi meu Bumbá!, aí cantaram o brinquedo do Boi, (*Boi, Boi, Boi, que te dá, Levanta janeiro vamos vadiar, Ô meu Boi!*). Aí quando eu vi saindo debaixo da mandioca eu dei um par de grito, ele todo coberto com aquele pano cheio de flores graúdas, parecendo um boi pintado de noite. Quando chega no meio da casa ele arreia, canta a cantiga de matar o boi, e o que tá embaixo finge que tá morto. Aí canta aquelas cantiga, corta o boi todo assim na cantiga (*a carne da língua é pra sinhá Domingas, Boi, Boi, Boi que te dá! O coração é de Seu João. A carne da orelha é pra mulé feia*). Vai dizendo cada parte do boi que tem o nome e o dono pra comprar, depois que cortou o Boi vai pra outra casa. (informação verbal).

Embora as festas caseiras ainda ocorram naquela região, elas diminuíram muito nas últimas décadas como os relatos apontam. Mudanças importantes ocorreram nas últimas décadas que interessa analisar.

A pavimentação da rodovia BA-099 se deu em torno de 1990. O que mudou desde lá, em relação ao samba de roda, e por quê? Logo depois da "rodagem", muitos hotéis foram implantados no entorno da Praia do Forte, até o enorme complexo hoteleiro denominado Costa do Sauípe que dista 22 quilômetros ao norte da Praia do Forte. Em seguida vieram hotéis de menor porte e pousadas e, na sequência, os

condomínios. As mudanças foram tão abruptas, pelo afluxo tão intenso de pessoas, capital e informação, que não houve tempo de as comunidades adaptarem-se com seus hábitos. Uma série de atividades econômicas (que antes não existiam) passaram a ser desenvolvidas e atraíram pessoas das mais variadas procedências, sem estabelecer relações de respeito com as demais – os nativos das comunidades. Queixa-se o Mestre sambador Seu Honorato:

[...] as firmas, as empresas; além de tudo, chegou muitas pessoas que num é suficiente¹, e aí é onde entrô a ruína do samba. Tem vez que a gente tá fazendo um samba, quando tá no melhor do gosto chega um mau-elemento pra fazer mau gosto no lugar. Aquele mau-elemento que faz a ruína na brincadeira das pessoas. As pessoas têm medo de fazer as festas. (informação verbal).

Existe também a violência simbólica, praticada por instituições e empresas do local. Os enormes hotéis que se implantaram na região só se interessam por atrações culturais que sejam midiáticas, que, no senso comum (deles), "representam a Bahia": aquelas que são aclamadas pela mídia, tais como: axé music e pagode. Negam a cultura da região na qual se implantaram. Negam os sujeitos.

O comportamento é reflexo de uma indústria ligada a promover o carnaval da Bahia como o grande modelo de entretenimento:

Esta indústria, por sua vez, está intimamente ligada às multinacionais de bebidas industrializadas, às poderosas empresas de comunicação (TV, rádio, jornal, gravadoras), e exerce uma verdadeira ditadura do megaevento com exorbitante margem de lucro, assim como impõe o consumo de estéticas musicais e visuais pasteurizadas, martela o mantra da alegria baiana que aniquila visões, práticas e expressões estéticas complexas, diversificadas e

¹ Alguém que não é suficiente, nas palavras de seu Honorato, significa alguém que não tem comportamento moralmente adequado às regras da sociedade local do samba de roda.

autênticas nos respectivos ambientes socioculturais.
(DORING, 2013, p. 150)

Além da violência simbólica, ocorre exclusão pura e simples dos sujeitos de seus espaços de vivência comunitária, como parte do processo de periferização das famílias nativas, promovido pela especulação imobiliária. Como exemplo disso, foi bloqueado o acesso dos moradores da região a uma série de lugares que eram sagrados para a população, como é o caso do antigo Cruzeiro, cuja festa atraía intensa peregrinação de localidades do interior. O Cruzeiro está situado em terreno da Marinha do Brasil, porém o acesso fica dentro do empreendimento da Costa do Sauípe. A administração vetou o acesso da população ao Cruzeiro, acabando com uma prática religiosa de mais de cem anos que atraía peregrinos de várias localidades dos arredores e era a maior de que se tem notícia.

Ainda nesta análise dos motivos da mudança, havia outras atividades comunitárias ligadas ao samba de roda que entraram em declínio, como é o caso da *taipagem* e da *feitura da farinha*. Na *taipagem*, familiares e amigos reuniam-se para erguer e cobrir de barro a casa de um indivíduo da comunidade. Tudo acontecia em um dia ou dois e, ao final do trabalho, aquele que recebeu a ajuda oferecia comida e acontecia o samba. Durante o trabalho já se cantava, animando a tarefa: “Ai, Zé, o que é, Zé? O caboclo da usina num trabalha sem boné”, relembra Dona Moça.

A *feitura da farinha* também é uma tarefa que reúne várias famílias na casa de farinha. A tarefa leva um dia inteiro, desde ralar a mandioca, secar, assar a farinha, fazer o beiju, e, costumeiramente no final, também havia o samba.

Hoje já não se fazem mais casas de taipa, nem para utilizações que lhe seriam compatíveis, como depósito de materiais. A *feitura de farinha* ainda acontece, sem incluir o samba. Ambas são atividades produtivas que fogem da lógica do capitalismo e envolvem relações de

ajuda mútua, que ao mesmo tempo se alimentam e nutrem laços comunitários, entre famílias, vizinhos, parentes.

Assim, quando falamos do samba de roda, falamos de uma densa e variada rede de relações culturais mantida por uma rede de relações pessoais.

As Festas para os Santos Reis e os outros Santos (e Santas), a cobertura das casas com taipa, a feitura da farinha – todas atividades comunitárias interligadas umas às outras nas quais os vínculos de amizade e companheirismo sempre se fortalecem. Esses costumes mudaram nas comunidades do litoral norte da Bahia, e com isso também o samba de roda quase deixa de existir de forma espontânea. Ocorreu com aquela região o mesmo processo que houve em toda a América Latina: a corrida atrás da globalização. Entre os anos 80 e 90, a internacionalização da economia deixou para trás todos aqueles setores populares e marginalizou as culturas locais, pela especulação dos mercados (CANCLINI, 2008, p. 94).

Frente aos projetos tendenciosos ou desmantelados de desenvolvimento regional no Brasil, há quem pergunte se as únicas escolhas sejam globalizar-se ou defender o local. Há outra, talvez utópica, que seria ter acesso ao local e ao global e misturar isso num projeto mais democrático. O samba de roda poderia fazer parte do projeto de desenvolvimento da região, na medida em que ele não se opõe ao desenvolvimento em curso e é uma cultura riquíssima.

Ou seja, colocar o samba de roda na cartilha da política cultural requer tecer o tecido rompido pela dissolução das relações comunitárias. Um projeto que traga o samba de roda para a pauta da política cultural trará a reboque o refazimento dos laços comunitários.

Desmanchar-se no pinicado da viola

[...] os pandeiro tá aí, lento: pá- duch padú - aí, você
que gosta de sambá devagarzinho, você se
desmancha toda...

Dona Moça

Essa é uma expressão que ouvi na roda de samba e que marcou minha compreensão do movimento do samba no meu corpo.

Antes convém esclarecer que o samba de roda, estudado nessa região, é o samba chula, um dos dois grandes subtipos da Bahia. No samba chula, o canto e a dança não ocorrem juntos e uma sambadeira de cada vez ocupa o meio da roda. Quando o cantador termina de “gritar a chula”, permanece a viola fazendo o seu solo “pinicado”, termo que se refere ao modo de tocar a viola, pinçando uma corda a cada vez.

A dança do samba chula tem movimentação simples e complexa ao mesmo tempo. A performance não é espetaculosa, nem pela amplitude, nem pela variedade de movimentos e gestos – os quais demandam de partes do corpo, coordenadas com as mudanças dos pés, que exploram os seus microapoios. A dança acontece de improviso, durante a qual a sambadeira parece deslizar com os pés pelo espaço da roda, numa movimentação conhecida como “miudinho”, por sambadores e sambadeiras, e eventualmente por alguns pesquisadores.

Trata-se de um leve e rápido pisoteado, com os pés na posição paralela e solas plantadas no chão. No caso das sambadeiras, parece ser sempre a partir deste pisoteado que as outras partes do corpo se movem, simultaneamente, e a dança se desdobra. (SANDRONI; SANT’ANNA, 2007, p. 53).

A sambadeira permanece atenta à música, reage com micromovimentos distribuídos por todo o corpo, de forma coordenada: quadris, joelhos, ombros, cotovelos, que fazem pontuações em nuances rítmicas e, ao mesmo tempo, reagem à música, provocam novas reações dos tocadores. Esse diálogo sutil é uma *expertise* que envolve a “escuta” de ambos os lados: da sambadeira, em relação aos tocadores; e destes para com a dança. O samba chula é uma modalidade na qual a apreciação estética é fundamental, como observam Sandroni e Sant’Anna (2007).

A própria sambadeira aprecia a maneira como ocorre esse “passeio” dos micromovimentos pelo seu corpo e o entrosamento deles com as frases musicais. É nítido o prazer que se sente em experimentar essa movimentação que, às vezes, se assemelha a um tremor coordenado que caminha pelo corpo. O foco da sambadeira para o próprio corpo dirige a atenção dos espectadores para os micromovimentos que compõem o samba. Esse é, para mim, o sentido da metáfora *se desmanchar*, que traduz o que acontece no corpo com o movimento do samba, e que carrega enorme potência para as artes cênicas. O movimento que se faz e se desfaz em microarticulações, como um desenho na areia, sempre novo, e conservando os traços principais.

Referências |

CANCLINI, Néstor García. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. Tradutor Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

DOMENICI, Eloisa. A pesquisa das danças populares brasileiras: questões epistemológicas para as artes cênicas. **Caderno GIPE-CIT (UFBA)**, Salvador, ano 12, n. 23, p. 7-17, 2009.

DÖRING, Katharina. O Samba da Bahia: tradição pouco conhecida. **Ictus**, Salvador, v. 5, p. 69-92, 2004.

_____. Samba de roda: visibilidade, consumo cultural e estética musical. **Pontos de Interrogação**, Alagoinhas (BA), v.3, n. 2, p.147-174, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/8448262/Samba_de_Roda_visibilidade_consumo_cultural_e_est%C3%A9tica_musical>. Acesso em: 12 ago. 2015.

SANDRONI, C.; SANT'ANNA, M. (Ed.). **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília: Iphan, 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_SambaRodaReconcavoBaiano_m.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2015.